
Documentário como produção jornalística: valores-notícia nos TCCs de Jornalismo¹

Caroline Westerkamp COSTA²
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Considerando a crescente produção de documentários pelos estudantes de jornalismo, sobretudo em seus trabalhos de conclusão de curso (TCCs), o presente artigo tem como objeto de estudo a relação entre jornalismo e documentário a partir dos processos que envolvem a noticiabilidade. O objetivo é compreender como estes documentários se materializam em produto jornalístico, evidenciando quais os principais valores-notícia presentes nos TCCs. Foi utilizado como proposta metodológica a revisão bibliográfica e uma análise a partir da tabela de valores-notícia proposta por Silva (2005/2014). Dos 30 TCCs analisados, o valor-notícia Cultura e Conhecimento teve mais ocorrências.

PALAVRAS-CHAVE: Valores-notícia; jornalismo; TCCs, documentário.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado concluída no final de 2022 que observou a crescente produção de documentários por estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sobretudo nos trabalhos de conclusão de curso. O documentário tem sido a escolha de muitos estudantes de jornalismo que encontram nele um diferencial para contar suas histórias. Só no Curso de Jornalismo da UFSC, o aumento desse produto audiovisual em trabalhos de conclusão de curso (TCCs) cresceu 300 % entre 2011 e 2021 se comparado a primeira década do curso (1982-1992). Este dado nos instigou a pensar na relação entre jornalismo e documentário a partir dos processos que envolvem a noticiabilidade, colocando as escolhas do (futuro) jornalista no centro da análise, quando seleciona a pauta da sua narrativa. Sustentada pelos estudos em torno dos conceitos de notícia e valor-notícia (Traquina, 1993; Charaudeau, 2009; Silva, 2009), **objetivamos** compreender como os documentários produzidos por estudantes de Jornalismo se materializam em produto

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e-mail: westerkamp@gmail.com

jornalístico. Neste sentido, a **pergunta que norteará este trabalho é:** Quais os principais valores-notícia presentes em TCCs de Jornalismo? Dentro desta perspectiva, o trabalho consistiu em análise documental (Moreira, 2009) que os ajudou a localizar e organizar todos os documentários realizados em TCCs do Curso de Jornalismo da UFSC desde a sua fundação, acompanhada de pesquisa bibliográfica que nos permitiu analisar os documentários a partir da tabela de valores-notícia proposta por Gislene Silva (2005/2014).

Jornalismo e documentário são conceitos em constante processo de transformação que tem uma necessidade urgente de diálogo aberto e plural. Como nos lembra Bezerra (2014), tanto as reportagens quanto os documentários não seguem um conjunto de técnicas fixas, justamente porque tratam de questões variadas, se apresentando de formas e estilos diferentes.

Documentário e jornalismo são modos de ver, olhares construídos historicamente por rotinas produtivas, por transformações sociais, por relações e interesses comerciais e políticos, por estéticas, metodologias e técnicas inventadas por diferentes movimentos, que sucintamente nomeamos de documentário clássico, cinejornais, cinema direto, novo jornalismo, cinema verdade, jornalismo gonzo, documentário reflexivo, entre outros. São movimentos que surgiram em determinados momentos da história, criaram maneiras diferentes de representar o mundo, acreditaram realizar obras mais próximas do real e apostaram em uma essência própria a esses discursos. (Bezerra, 2014, p.21)

Por esta razão neste artigo, não é nosso objetivo apontar semelhanças ou diferenças. Partimos do pressuposto que documentário e o jornalismo não são facilmente definidos e têm convergido cada vez mais, frente aos novos hábitos de consumo de notícias, formatos, gêneros e emergência de mídias alternativas (Jenkins, 2008), que corroboram com o surgimento de nichos jornalísticos, atendendo assim às demandas de públicos variados, na chamada cauda longa da informação (Anderson, 2006). Vale lembrar que mesmo dentro do campo da tradição documentária, não há consenso sobre a definição do termo. John Grierson, o homem que cunhou a palavra "documentário"³ e responsável pela tradição do documentário britânico, precisou especificar em todos os detalhes, o que era aquele tipo de filme que ele e sua equipe estavam propondo para buscar patrocínio junto ao governo britânico. Eles precisaram

³ Foi John Grierson que definiu o documentário como o "tratamento criativo da realidade".

criar parâmetros éticos e estéticos para diferenciar os documentários dos cinejornais⁴, influenciando anos mais tarde o próprio telejornalismo. (Bezerra, 2014). Além disso, o que o jornalista Robert Drew definiu como documentário no movimento do cinema direto americano - gênero documental preocupado em mostrar a realidade como ela é, sem fins didáticos ou históricos⁵ - vai divergir do que Jean Rouch do cinema verdade francês entendia. O segundo, buscava a "verdade do cinema e não a verdade no cinema", acreditando que a presença da câmera não deveria ser ignorada, que a verdade não é neutra e que a realidade pode ser acessada por meio da encenação/ficção⁶.

Carvalho (1996) afirma que o jornalismo não foi apenas tema ou inspiração para personagens no cinema, pois as mediações jornalísticas resistem até hoje na produção de documentários jornalísticos. A autora nos indaga

O que é preciso para se fazer um bom e respeitável documentário jornalístico? Antes de procurar as respostas para estas questões, desconfie de fórmulas prontas, padrões e formatos consagrados. Hoje percebemos que falta ao jornalista ativar a sua percepção estética e sua consciência social, sem negociação e consentimento com as instituições e com o público, em busca de uma perspectiva informativa sobre o mundo em que vivemos. (Carvalho, 2006, p.6)

Muitos jornalistas já consagrados, utilizam documentários para construir suas histórias, como é o caso de Eliane Brum que denominou sua narrativa de jornalismo de desacontecimentos. "Para mim, as notícias habitam os detalhes, às vezes empoeirados, do cotidiano" (Brum, 2014, p. 105). Apesar de Carvalho (2006) e Brum (2014) sinalizarem que um documentário jornalístico não tem fórmula pronta e que as notícias se encontram nos detalhes e desacontecimentos, supomos que deva existir um princípio que guie a seleção das pautas para a construção dos documentários de estudantes de Jornalismo, pois afinal, são resultados dos trabalhos de conclusão de curso.

⁴ O cinema esteve entrelaçado ao jornalismo desde a sua invenção, divulgando atualidades com os cinejornais, filmes curtos que passavam antes dos filmes principais nas salas de cinema da época. Os cinejornais foram fonte de atualidade, notícias e entretenimento até o surgimento da televisão, que substituiu a sua função na década de 50.

⁵ As técnicas do cinema direto dos Estados Unidos vão influenciar os métodos da reportagem a fim de agilizar o processo, sobretudo a partir do movimento do novo jornalismo americano.

⁶ Essa ideia também é vista no estilo de narrativa do jornalismo gonzo.

A NOTÍCIA NO DOCUMENTÁRIO

As notícias são representações do mundo por meio da linguagem. Muito além de um gênero midiático, a notícia se trata de uma questão epistemológica que vem sendo discutida. A pesquisadora Gislene Silva (2009a) esclarece esse debate sobre o campo jornalístico, ser “possuidor ou não de um estatuto científico próprio, menos ou mais dependente de arcabouços conceituais e teóricos de outros campos das ciências sociais e humanas” (p. 198). Segundo a autora, existem duas frentes dentro da Comunicação. Uma que acredita não existir razões para sustentar uma legitimidade própria e a outra que afirma haver uma ciência jornalística com autonomia teórica, abrindo mão até mesmo da transdisciplinaridade.(Silva, 2009b).

Esta segunda corrente, deriva da prática em si mesma, o campo profissional, a materialidade dos produtos jornalísticos. Assim, “[...]define-se a atuação técnica profissional e os processos e produtos da rotina jornalística como locus único da teoria, que brotaria da prática”. (Silva, 2009a, p. 202), e tem sua origem nas ideias de Otto Groth, precursor dos estudos em jornalismo que já na década de 60 se empenhou em criar uma ciência jornalística, tendo como principal objeto de estudo, jornais e revistas. A questão é que com o passar do tempo, apesar do pensamento do Groth ter sido aplicado também nos estudos sobre rádio e televisão, ele foi insuficiente para pensar o jornalismo contemporâneo, o que inviabiliza refletir sobre a notícia no documentário, por exemplo.

Neste sentido, Silva (2009b) sugere uma alternativa que olha para o jornalismo como um fenômeno comunicacional, onde é possível pensar cientificamente a notícia.

Esse caminho passa por três questões-chave: (a) o campo epistêmico do jornalismo não pode se restringir ao conceito de campo jornalístico quando entendido somente como campo profissional; (b) o objeto de estudo do jornalismo extrapola a materialidade de suas manifestações concretas, empíricas; (c) a Teoria do Jornalismo, portanto, não pode ser elaborada exclusivamente a partir de estudos de formatos, técnicas, rotinas produtivas e conteúdos divulgados. (SILVA, 2009b, p. 10)

Buscamos nos estudos da professora Gislene Silva (2005, 2009a, 2009b), uma dimensão conceitual de notícia, que abarcasse não somente aquelas informações produzidas e transmitida pelos veículos de mídia, pois afinal, procuramos entender,

como os documentários produzidos em TCCs do Curso de Jornalismo se materializam em produto jornalístico.

Considero que a **ciência jornalística** tem como **objeto de estudo** o **fenômeno notícia**, e assim conceituo este fenômeno específico: **notícia é a socialização de quaisquer informações de caráter público, atual e singular e que atenda a diferentes interesses** (Silva, 2009b, p. 13, grifos da autora).

Mesmo não especificando a construção da narrativa jornalística em documentários, essa definição ampara o modo de fazer jornalístico que estamos analisando neste artigo, pois compreende a notícia como fenômeno, observando inclusive o interesse dos públicos, superando o “gênero” notícia, tão conhecido e largamente difundido no jornalismo informativo.

No texto “Sobre a imaterialidade do objeto de estudo do Jornalismo”, a professora Gislene Silva (2009b), mais uma vez nos instiga a pensar o jornalismo além de sua própria materialidade, compreendendo-o como um fenômeno que vai além da prática e dos produtos.

A elevação da notícia para o status de categoria-chave possibilitará enxergá-la não só nas *hard news*, mas também nas *soft news*; não apenas nas matérias sobre política, mas nas de cultura e arte; não somente no lead e sublead, mas também nas matérias do jornalismo sensacionalista, gonzo ou popular, no novo jornalismo e no jornalismo literário. [...] Portanto, o objeto de estudo do campo científico do Jornalismo teria como núcleo objetivável a centralidade da notícia como prática social, política e cultural (Silva; Pontes, 2008 apud Silva, 2009b, p.10)

Assim, os documentários produzidos dentro das faculdades de jornalismo se tornam objetos de estudo pela singularidade dos processos de produção de sentido que convergem para pensar o documentário como mediador e articulador dos contextos nos quais os personagens sociais interagem produzindo significações. Essas manifestações jornalísticas “[...] se transformam historicamente, como ação política, estratégia de negócio, discurso e narrativa, dispositivo tecnológico, mediação de sensibilidade, experiência estética e cultural, circunscritas todas na relação entre sujeitos sociais” (Silva, 2009b, p.9).

Propomos pensar o jornalismo no documentário por meio da noticiabilidade. Entretanto, antes de ser notícia, é o fato que recebe atributos, alterando seu estatuto. A teoria do *newsmaking* fala que as notícias são resultado de uma rotina de produção que

vai definir como os acontecimentos se tornarão notícia veiculada e ainda, que esse processo pode mudar de acordo com a cultura da empresa jornalística.

Charaudeau (2009, p.132) propõe chamar de notícia "um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo como caráter de **novidade**, proveniente de uma determinada **fonte** e podendo ser diversamente tratado" (Charaudeau, 2009, p. 132, grifos do autor). Em síntese, o autor afirma que o acontecimento é um fato que se inscreve sempre em um determinado domínio do espaço público ou espaço temático. Que o caráter de novidade não significa que não se falou sobre um determinado acontecimento antes, mas que a mídia sempre traz um novo elemento até então desconhecido do público, que em certos casos é uma determinada fonte que converte o acontecimento em informação, "a credibilidade dessa informação será avaliada segundo a natureza da fonte. (Charaudeau, 2009, p. 132)

Neste sentido, o autor conclui que

O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos.(Charaudeau, 2009, p. 151)

Genro Filho (1987) , também fala sobre esses “objetos das notícias”, que são os fatos (primários), que existem independente dos sujeitos. Aqueles fatos (secundários) que o jornalismo fornece não são informações cruas, não são a realidade em si, são fatos jornalísticos, já carregados de valores e critérios incorporados durante a produção jornalística. Podemos constatar então que o jornalista traduz os fatos de acordo com as impressões que teve baseadas nos seus valores (ou valores da empresa para qual trabalha) , ou seja, “as notícias são o resultado de um processo de produção definido como a percepção, seleção e transformação de matéria prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)" (Traquina, 1993, p.169).

Para o pesquisador Stuart Hall, os valores-notícia são como um mapa cultural, que significam além de escolhas e seleções, mas formas de representações.

Se o mundo não é para ser representado como uma confusão de acontecimentos desordenados e caóticos, então estes acontecimentos devem ser identificados (isto é, designados, definidos, relacionados com outros acontecimentos dos conhecimento público) e inseridos num contexto social (isto é, colocados num quadro de significados familiares ao público) [...] Se os

jornalistas não dispusessem - mesmo de forma rotineira- de tais "mapas" culturais do mundo social, não poderiam "dar sentido" aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é "noticiável". (Hall, et al., 1993, p.226)

Nessa concepção, os valores- notícias atuam num processo social que, com base nas práticas jornalísticas, dão significados sociais aos acontecimentos, construindo uma sociedade altamente consensual, tendo consequências políticas, culturais e sociais graves, pois uma sociedade que tem acesso aos mesmos mapas de significados é levada aos mesmos pontos de vista, negligenciando as diferenças enquanto grupos e classes, como se houvesse apenas uma perspectiva dos acontecimentos.

Não só somos todos capazes de manipular estes "mapas de significados" para compreender os acontecimentos, mas também temos interesses, valores e preocupações fundamentais em comum, que estes mapas encorporam ou reflectem. Todos nós queremos manter basicamente a mesma perspectiva acerca dos acontecimentos. (Hall, et al., 1993, p.226)

Recorremos então à pesquisadora Gislene Silva (2005) para apontar a diferenciação entre os termos valor-notícia e critérios de noticiabilidade que, em muitos casos, são usados como sinônimos. Entendemos que os documentários produzidos no interior dos cursos de jornalismo, por mais que não estejam atrelados às culturas organizacionais e critérios impostos por empresas jornalísticas, não escolhem suas pautas aleatoriamente, mas observam valores-notícia intrínsecos aos fatos que vão se transformar em notícias para o seus públicos.

Silva (2005) afirma que os valores-notícia são um dos critérios de noticiabilidade, aspectos relacionados diretamente com à natureza dos acontecimentos e que por isso também influenciam no processo de seleção. A autora propõe pensar o sistema de noticiabilidade baseado em instâncias: 1) critérios de noticiabilidade na origem do fato (seleção primária dos fatos / valores-notícia), com abordagem sobre atributos como conflito, curiosidade, tragédia, proximidade etc; 2) critérios de noticiabilidade no tratamento dos fatos, centrados na seleção hierárquica dos fatos e na produção da notícia, desde condições organizacionais e materiais até cultura profissional e relação jornalista-fonte e jornalista-receptor; e 3) critérios de noticiabilidade na visão dos fatos, sobre fundamentos ético-epistemológicos: objetividade, verdade, interesse público etc. (Silva, 2005, p.95)

Diante da adequada diferenciação, fica claro que valor-notícia, critérios de noticiabilidade e a própria noticiabilidade são conceitos diferentes, sendo o primeiro valor ligado ao acontecimento mas que depende da ótica jornalística, o segundo, critérios empregados na rotina de produção e por último, a união dos dois fatores mencionados que efetivamente poderia levar um "acontecimento bruto" ao estado de "acontecimento noticiado". Na visão da autora, noticiabilidade é

Todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde as características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. (Silva, 2005. p.96)

Isto nos leva a crer que o processo de noticiabilidade que perpassa os TCCS dos acadêmicos de jornalismo são da ordem primária dos valores-notícia⁷ dos fatos “que determinam se um acontecimento, ou um assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor-notícia” (Traquina, 2013, p. 61). As escolhas, por mais que tenham um fundo subjetivo, são avaliadas e racionalizadas pelos (futuros) jornalistas, tendo em vista a uma lista de critério que chamamos de valores-notícia, porém não se impõe sobre eles, os critérios de noticiabilidade no tratamentos dos fatos, já que a produção narrativa acontece dentro do espaço acadêmico, sem a interferência ou controle dos veículos jornalísticos. Assim como Karam (2004), sustentamos que a objetividade é algo necessário na prática jornalística, mas que é preciso admitir que ela (a objetividade) possui um fundo subjetivo no processo de escolhas jornalísticas, entre o “relevante socialmente e o dispensável jornalisticamente, o que não raras vezes deixa de ocorrer” (Karam, 2004, p. 42)

A pesquisadora Gislene Silva (2005) criou uma tabela baseada no ajuste de valores-notícia formulados por diversos autores, além de incluir outros atributos. O quadro é composto por doze (12) macrovalores-notícias e cinquenta e um (51) microvalores-notícias que nos ajudam a operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados.

⁷ O valor-notícia de um fato não vai garantir seu espaço na mídia de forma automática, considerando que existem outros fatores que envolvem todo o processo de noticiabilidade.

Quadro 4. Tabela Macro e Microvalores- notícia

Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis / noticiados	
IMPACTO Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)	PROEMINÊNCIA Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/Herói
CONFLITO Guerra Rivalidade Disputa Briga Greve Reivindicação	ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE Aventura Divertimento Esporte Camemoração
POLÊMICA Controvérsia Escândalo	CONHECIMENTO/CULTURA Descobertas Invenções Pesquisas Progresso Atividades e valores culturais Religião
RARIDADE Incomum Original Inusitado	PROXIMIDADE Geográfica Cultural
SURPRESA Inesperado	GOVERNO Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos
TRAGÉDIA/DRAMA Catástrofe Acidente Risco de morte e Morte Violência/Crime Suspense Emoção Interesse humano	JUSTIÇA Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes

Fonte: Silva, 2005

O jornalismo tradicional determina o que pode e o que deve ser visto nos jornais e os critérios utilizados, estabelecidos e consolidados ao longo da construção do campo jornalístico pelos manuais de redação dão, geralmente, preferência à exceção, aos acontecimentos extraordinários.

As questões que ficam são as mesmas que o romancista e documentarista francês Georges Perec levantou em 1973, num texto intitulado “*Approches de quoi*”.

[...] o resto, todo o resto, onde ele está? O que acontece a cada dia e que sempre retorna, o banal, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o infraordinário, o ruído de fundo, o habitual, como dar conta disso, como

interrogá-lo, como descrevê-lo? [...] Os trens só começam a existir quando descarrilam, e quanto maior o número de viajantes mortos, mais eles existem. [...] é preciso que haja, por detrás do acontecimento, um escândalo, uma fissura, um perigo, como se a vida só devesse se revelar através do espetacular, como se o eloquente, o significativo fosse sempre anormal.[...] Como falar dessas “coisas comuns”, ou melhor, como cercá-las, trazê-las para fora, arrancá-las da casca onde estão presas, como dar-lhes um sentido, uma língua: que elas falem enfim do que é, do que somos. (Perec, 2010, p. 178)

Georges Perec (2010) nos conduz a interrogar aquilo que de tão natural, esquecemos sua origem. Talvez a resposta para todos estes questionamentos esteja nos critérios de noticiabilidade escolhidos pela jornalista Eliane Brum para suas reportagens, crônicas e documentários.

A expressão de desacontecimento, do lugar onde "nada acontece" que a própria Brum utiliza, é também paradoxal, pois pode significar que há alguma coisa acontecendo por trás daquele cenário onde “nada está acontecendo”. Confrontar os valores-notícia é dar um passo além, aguçando novos valores jornalísticos que podem redistribuir espaços e incluir pessoas.

ANÁLISE DOS TCCS A PARTIR DOS VALORES-NOTÍCIA

Das três modalidades de TCC em Jornalismo admitidas no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina - Pesquisa Científica de caráter Monográfico, trabalhos de Prática Editorial Jornalística e Processos Comunicacionais em suas mais diversas modalidades - situamos o documentário em Práticas Editoriais⁸, onde

Permite-se a proposição ou execução de um produto, ou processo jornalístico em qualquer mídia (áudio e rádio, gráfico e impresso, vídeo e televisão, fotografia, online ou plataforma multimídia), voltado para público amplo ou específico, múltiplos mercados (empresarial, comunitário, assessoria, organizacional, etc.), em diferentes suportes, linguagens, formatos, gêneros e subgêneros, inspirados em experiências conhecidas e materiais já em circulação como também de concepção original e inovadora⁹. (p.2)

⁸ Um debate interessante sobre as práticas editoriais em TCCs de jornalismo pode ser encontrado no artigo Conhecimento e Formação Graduada em Jornalismo no Brasil: Uma defesa da validade dos Projetos Experimentais Grande Reportagem e Práticas Editoriais, de autoria do professor Francisco Karam (2004).

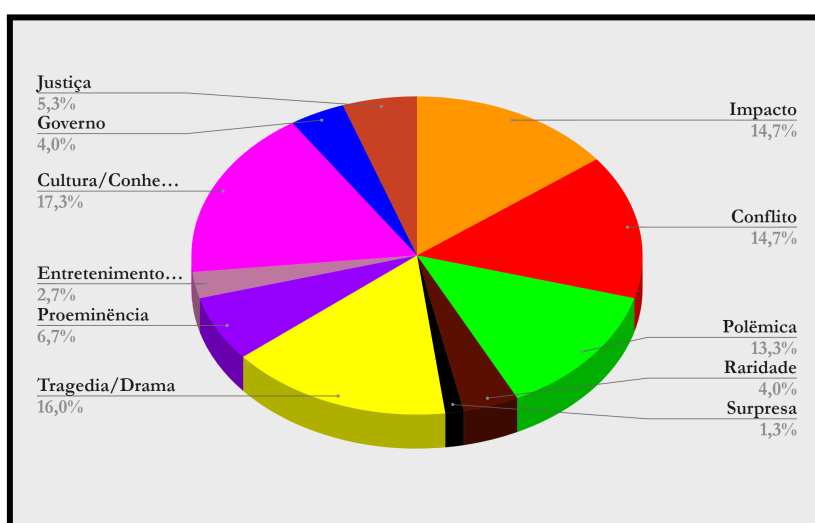
⁹ Regulamento aprovado pelo Colegiado do Curso de Jornalismo em 28/08/2015, pelo Colegiado do Departamento de Jornalismo em 10/09/2015, pelo Conselho do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) em 30/09/2015 e pela Câmara de Ensino da UFSC em 29/10/2015. Última alteração realizada na reunião do dia 29 de maio de 2019.

Dos 165 documentários realizados de 1982 até 2021, foram coletados de maneira aleatória, 1 (um) documentário por ano. Deste período, não houve ocorrência de produção de documentários nos TCCs nos anos 1982, 1983, 1984, 1985, 1987, 1995, 1996, 1998, 2005 e 2020, totalizando 30 documentários que formam o corpus desta análise.

A partir da análise individual dos documentários, elaboramos dois gráficos para melhor visualização dos resultados. Excluimos desta análise, o valor-notícia proximidade, pois entendemos que os efeitos desse critério não estão sujeitos ao contexto no qual o acadêmico e o seu público estão inseridos e que os documentários realizados nos TCCs de jornalismo da UFSC não tem um compromisso geográfico e cultural, pois não possuem público-alvo específico já que também não possuem vínculos com veículo de comunicação que os obriguem a definir uma localização específica.

Chegamos a esse percentual fazendo uma proporção, em que a amostragem da pesquisa (universo de 30 documentários) representa o total (100%). O primeiro gráfico representa os macrovalores-notícias e o segundo os microvalores. Utilizamos uma cor para cada macrovalor a fim de relacionar com seus microvalores, facilitando a compreensão de qual grupo pertencem.

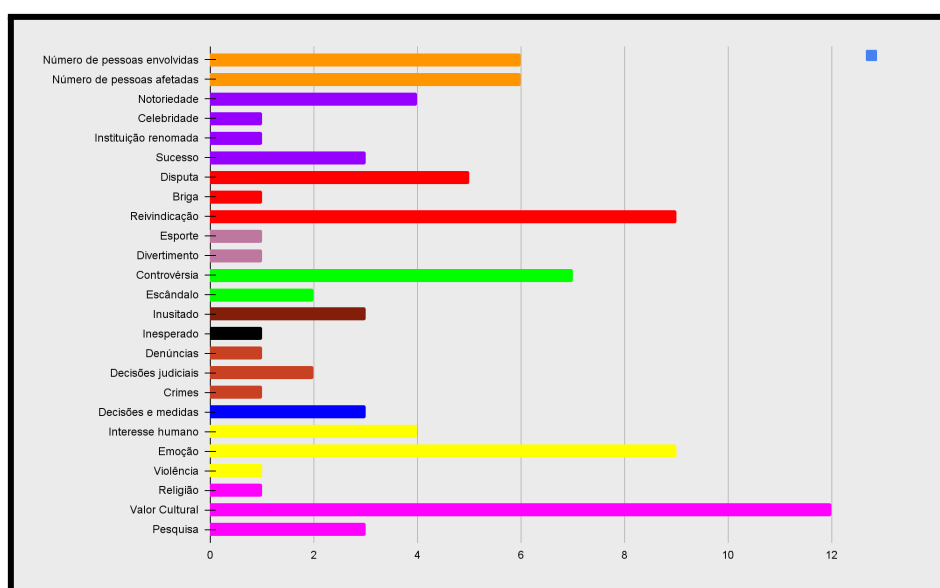
Gráfico 1: Incidência dos macrovalores-notícia nos TCCs analisados



Fonte: Dados retirados da pesquisa de mestrado

O valor-notícia que mais apareceu nos Trabalhos de Conclusão de Curso analisados neste corpus foi Cultura e Conhecimento (presente em 13 documentários), seguido de Tragédia e Drama (presente em 12 documentários), Conflito (presente em 11 documentários), Impacto (presente em 11 documentários) e Polêmica (presente em 10 trabalhos). Lembrando que em um mesmo documentário podem ser registrados mais de um valor-notícia.

Gráfico 2: Incidência dos microvalores-notícia nos TCCs analisados



Fonte: Dados retirados da pesquisa de mestrado

O microvalor-notícia mais predominante nos 30 trabalhos analisados foi o valor cultural presente em 12 documentários, seguido de emoção e reivindicação com 9 incidências em cada.

Com a ajuda da tabela de Silva (2005), conseguimos perceber um alargamento de possibilidades de pautas que os (futuros) jornalistas têm para abordar e construir seus trabalhos de conclusão de curso, isso se deve principalmente pela maior "liberdade" na segunda instância proposta por Silva (2005), que dispunha dos critérios de noticiabilidade centrados na seleção hierárquica dos fatos diante das condições organizacionais e culturas profissionais.

O desenvolvimento de programas radiofônicos, televisivos e outros que incluam debates e fontes – sem os limites mercadológicos – atestam o que de melhor poderia fazer o jornalismo, propiciando espaços de liberdade, de

criatividade e de qualidade que, muitas vezes, as limitações de ordem econômica, política e ideológica prejudicam na grande mídia. (Karam, 2004)

Os TCCs foram produzidos na universidade, ambiente que favorece a discussão e experimentação, dando-lhes a chance de abordar a realidade de outras maneiras sem deixar de lado as questões éticas, filosóficas e epistemológicas do próprio jornalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto o jornalismo como o documentário se justificam pela sua proximidade com a factualidade. Abrimos esta frente de discussão motivados pelo fato de haver poucos estudos no campo do documentário relacionados à noticiabilidade em documentários. Quando a professora Gislene Silva (2005) se referiu ao motivo pelo qual os valores-notícia “tempo” e “novidade” não constam em sua tabela: “ser um fato atual ou um acontecimento portador de algum dado novo é o princípio primeiro do jornalismo”, (Silva, 2014, p. 63) buscamos relacionar o documentário nessa afirmação.

Karam (2004) nos exemplifica que "os relatos da mídia a respeito de assaltos e assassinatos servem não apenas para divulgá-los e levar a público, mas também para investigar por que aumenta a criminalidade, tratando, por exemplo, do desemprego" (Karam, 2004, p. 49), ele nos dá um panorama de possibilidades de tratamento dos fatos que perpassam a apuração jornalística dos documentários acadêmicos pois dão contornos de um contexto maior onde o fato pode ser enquadrado em várias perspectivas se tornando atual. Da mesma forma, podemos dizer que o engendramento de acontecimentos revelam no documentário várias pautas, fatos e assuntos que vão se "aprumando" em eixos temáticos e se auto condensando em um tópico novo ou desconhecido. "Este gesto traz à tona a memória expurgada, o acontecimento reprimido". (Henn, 2009, p.6) O documentário "dinamiza a agenda, recupera personagens e fatos, estabelece nexos perdidos: tem a capacidade de produzir textos fronteiriços com a potência de se irradiar até o conservador centro do jornalismo" (Henn, 2009, p.10).

Em alguns documentários analisados percebemos quão consensuais são os critérios de noticiabilidade, seguindo à risca os modelos convencionais da reportagem, em outros identificamos sinais de resistência aos procedimentos padrões. O processo de

noticiabilidade que perpassa os TCCS dos acadêmicos de jornalismo da universidade são da ordem primária dos valores-notícia dos fatos “que determinam se um acontecimento, ou um assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor-notícia” (Traquina, 2013, p. 61). As escolhas, por mais que tenham um fundo subjetivo, são avaliadas e racionalizadas pelos estudantes, tendo em vista a uma lista de critérios que chamamos de valores-notícia, porém não se impõe sobre eles, os critérios de noticiabilidade no tratamentos dos fatos, já que a produção narrativa acontece dentro do espaço acadêmico, sem a interferência ou controle dos veículos jornalísticos.

Entretanto, concluímos que não seja possível criar um valor-notícia-documentário para constatar se um documentário é ou não jornalístico, até porque, a apuração jornalística é muito mais complexa e a noticiabilidade é só um dos elementos desse processo, o que não significa que não seja aceitável que os trabalhos de conclusão de curso assumam esse compromisso de trazer a essência da noticiabilidade em seus documentários, tornando-os produtos jornalísticos na medida que apuram as informações com ética e qualidade, ultrapassando os critérios dos manuais de redação, dando chance às narrativas comuns, das quais nos deparamos todos os dias, histórias de cachorros que mordem homens.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Márcia. O documentário e a prática jornalística. Revista Pj:Br – **Jornalismo Brasileiro**. Ed. 07, 2º semestre de 2006. Disponível em: . Acesso em: 24 de outubro de 2008, às 15:50
- HENN, Ronaldo. **Do documentário ao jornalismo: acontecimento, tempo e memória em Cabra marcado pra morrer**. In: Intexto, v.1, n.20, p.2-14, jan/jul, 2009.
- HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias: o mugging nos media**. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.
- JENKINS, Henry, **Cultura da Convergência**. São Paulo :Aleph, 2008.
- ANDERSON, Chris. **A cauda longa**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2006.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2009. 336 p. Tradução de Mônica Saddy Martins.
- SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos de Mídia e Jornalismo, Florianópolis, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 95-107, jul. 2005.

SILVA, Gislene. De que campo do jornalismo estamos falando? **Revista Matrizes**. Ano 3, n. 1. São Paulo, USP: 2009a

SILVA, Gislene. Sobre a imaterialidade do objeto de estudo do Jornalismo. **e-Compós**. V. 12, n. 2. Brasília, 2009b

Silva MP. Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade. In: Silva G, Silva MP, Fernandes ML. **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular; 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** vol. 2: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. 3 ed. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **A produção social das notícias**: o mugging nos media. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

BEZERRA, Julio. **Documentário e Jornalismo**: propostas para uma cartografia plural. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide: Para uma Teoria Marxista do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2012.

BRUM, Eliane. **Meus desacontencimentos**: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: Leya Brasil, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto; 2ª edição, 2006.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A Ética Jornalística e o Interesse Público**. São Paulo: Summus, 2004.